



Ministério da Cultura apresenta
Banco do Brasil apresenta e patrocina

CADERNO CCBB EDUCATIVO

Sseitor dos Prazeres

É MEU NOME





*Eu sou Heitor de Prazeres, Heitor dos Prazeres é meu nome.
Este prazer que eu tenho no nome é o prazer que eu divido com o povo.*

Heitor dos Prazeres

É com estas boas-vindas que convidamos você a conhecer a trajetória de um homem de muitos talentos: compositor, instrumentista, poeta e pintor. Para Heitor dos Prazeres, nascido na região da Praça Onze, no Rio de Janeiro, em 1898, a cidade era matéria criativa de suas músicas e telas. Militou ao seu jeito e retratou em seus quadros uma negritude em festa. Corpos pretos altivos, elegantes, senhores de si e de seus espaços, sejam os terreiros, as ruas, os salões, as escolas de samba, as favelas ou gafeiras. Se hoje o **afrofuturismo** é valorizado com o empoderamento dos corpos negros, Heitor já fazia essa valorização em meados do século XX através da multidisciplinaridade de sua criação.

Venha conosco, nas próximas páginas e no trajeto da galeria, conhecer esse grande artista. Este almanaque pode ser lido antes, durante ou depois da sua visita à exposição. Cada leitor é um viajante. Portanto, este material não está pronto, mas esperando por você.

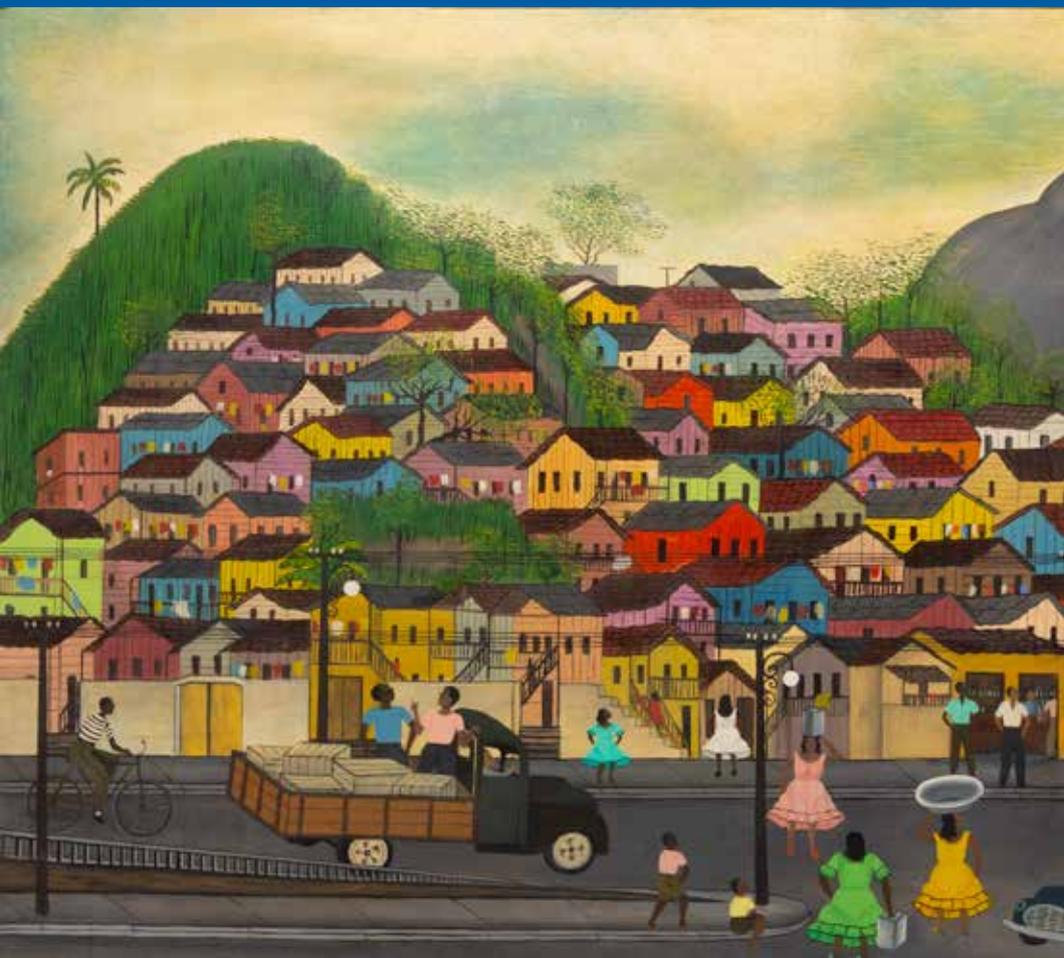
Boa leitura!

CCBB Educativo

O **afrofuturismo** é um movimento social e político que inclui a perspectiva e presença da população negra nos campos das artes, tecnologia e cultura. Trabalha com a ficção científica e a fantasia, destacando o protagonismo negro. Se utiliza da valorização da identidade, ancestralidade e história negra, com a projeção de um futuro não eurocêntrico.



*Eu sou o povo
e sou um homem do povo
Vejo esse povo que transporto
pros meus quadros como sinto.
Também sou uma parte desse povo,
de forma que o sinto conforme vivo.
Não há nada mais sublime
que viver na massa do povo.
Povo é essa massa humana,
é a voz do sangue,
da forma que é o calor da carne.
O povo pra mim é aconchego, (...)
eu sou um ovo
e o povo é a chocadeira.*



de Lino a Heitor dos Prazeres

Lino tinha 13 anos, por volta de 1911, quando ficou mais de um mês preso na Escola XV, no bairro de Quintino, na Zona Norte do Rio. O espaço era especializado em recuperação e profissionalização de menores. Seu suposto crime, segundo a polícia, foi “vadiagem”. Sua realidade era ser preto, pobre, fazer biscates, trabalhar como engraxate e vendedor de jornais nas ruas da cidade, tocar cavaquinho e jogar a capoeira que aprendeu nas ruas.

Nesse tempo de reclusão, com certeza, pôde refletir sobre uma frase que sua mãe, dona Celi, repetia exaustivamente: “Negro tem que mostrar capacidade, andar na linha”. Foi o que Lino fez no resto da vida e foi sendo rebatizado. Primeiro, no mundo da boemia e do samba cariocas, onde passou a ser conhecido como Mano Heitor do Cavaco e Mano Heitor do Estácio. Depois, nas emissoras de rádio e em espaços musicais, como Heitor dos Prazeres, seu nome completo, com o qual, mais tarde, assinaria suas obras de arte e abriria salões de exposições ao redor do mundo.

O jovem Lino era filho de Celestina Gonçalves Martins (dona Celi), uma costureira, e de Eduardo Alexandre dos Prazeres, clarinetista da banda da Guarda Nacional e marceneiro. Nasceu na região da Praça Onze, no Rio de Janeiro, em 23 de setembro de 1898, mas podia comemorar duas datas de aniversário, pois só foi registrado oficialmente em 2 de julho de 1902.



INSPIRAÇÃO MUSICAL e estética COM OS PAIS

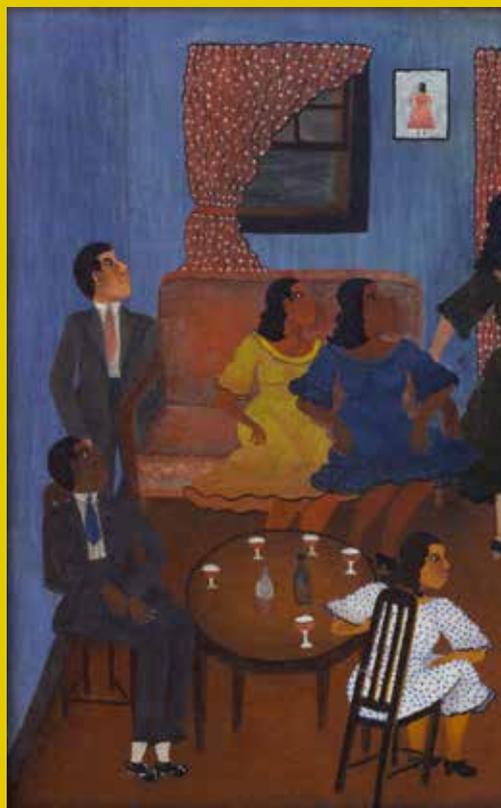
As habilidades musicais e estéticas que marcaram sua vida podem ter sido inspiradas em seu pai e sua mãe. Do Seu Eduardo a parte musical, pois ele tinha o hábito de reunir a família e tocar dobrados, polcas, valsas e choros, que solava com clarinete e, às vezes, na percussão com a caixa. Já de dona Celi pode ter herdado a capacidade de criar figurinos e costurar, que – como veremos adiante – o acompanhou pela vida.

Entretanto, em ambos os casos, os ensinamentos devem ter sido apreendidos apenas pela convivência. Principalmente em relação ao pai, pois Seu Eduardo morreu quando o filho tinha apenas sete anos de idade. Dona Celi ficou viúva com três filhos para criar: Heitor, Acirema e Iraci.

Nessa fase, Lino deu muito trabalho à mãe. Matriculado na Escola Municipal Benjamin Constant, na Praça Onze, onde aprendia marcenaria, o mesmo ofício do pai, foi expulso. Ele mesmo dizia que

perdeu as contas de quantas vezes isso aconteceu. Heitor dos Prazeres brincava dizendo que “havia estudado em 261 escolas, pois tinha a sensação de que a cada dia estava num colégio diferente”.

Mas a persistência de dona Celi venceu, e o filho se formou na quarta série do ensino primário no externato Souza Aguiar, na rua do Lavradio, na Lapa, onde aprendeu o ofício de torneiro. Na época, tinha entre 10 e 12 anos de idade.



A paixão pelo piano e a chegada do cavaço

Nesse período, um presente iria ajudar a definir seu futuro. Foi um cavaquinho dado pelo tio Hilário Jovino Ferreira, conhecido como Lalau de Ouro (ou, na família, apenas tio Lalau), e na Guarda Nacional, onde trabalhava, Tenente Hilário. O instrumento era um sonho do garoto Lino, que a ele se agarrou e com ele saía às ruas, pendurado nos ombros. De um lado, o cavaquinho e de outro, a caixa de engraxate.

Com o presente nas mãos e o próprio talento, aprendeu sozinho a tocar o instrumento. O empenho foi tanto, que virou um mestre na arte e teve o nome do instrumento incorporado ao seu, tornando-se Mano Heitor do Cavaco.

O detalhe é que nessa fase da infância sua primeira paixão era um piano. O instrumento da família, no entanto, não era franqueado ao pequeno. Somente aos sábados, quando era aberto para limpeza, Lino conseguia, por pouco tempo, matar sua vontade de tocar. Além disso, com a morte do pai e a necessidade financeira, o piano foi dos primeiros bens a serem vendidos quando a família precisou de dinheiro.



Início No terreiro

Foi na casa de Tia Ciata que o adolescente Heitor começou sua jornada entre os bambas cariocas. Levado pelo tio Lalau, logo teve seu talento identificado e lá ganhou o título de “mano”, uma horaria concedida apenas àqueles que mostravam capacidade musical. Foi no famoso quintal também que se juntou a outros jovens que iniciavam suas carreiras, como Paulo da Portela, Pixinguinha, Donga, João da Baiana, Sinhô, Amor, Caninha e Saturnino.

A casa da Tia Ciata, a baiana Hilária Batista de Almeida (1854-1924), era o espaço cultural dos negros brasileiros na Praça Onze no início do século 20. Tia Ciata fazia parte do imenso contingente de negros baianos que aportaram no Rio de Janeiro, fugindo da repressão prolongada que sofriam da elite branca baiana desde a Revolta dos Malês, em 1835. Nascida em Salvador, tinha 22 anos de idade e uma filha. Já era iniciada no santo, na casa de Bambichê,



da nação Ketu, de língua iorubá, e protegida por Oxum. No Rio de Janeiro, casou-se com João Batista da Silva, que trabalhava no gabinete do chefe de polícia da então capital federal.

A baiana passou a frequentar o candomblé do babalorixá João de Alabá e se tornou uma mãe de santo. Sua casa na rua Visconde de Itaúna, número 117, virou um terreiro religioso, um ponto de refúgio e de encontro para a comunidade negra. Era também uma espécie de centro cultural e gastronômico. Os negros se reuniam para as rodas de música, com muito maxixe, samba raiado e rodas de batuque. Da cozinha saíam quitutes, tanto os que eram consumidos nas festas da casa, como os que eram postos

para venda. O espaço reunia negros de diferentes origens: estivadores, artesãos, policiais, funcionários públicos, além de brancos de classe média baixa e os de curiosidade intelectual.

Heitor, filho de Xangô, assim como Pixinguinha, era um Ogã Alabê-Nilu (aquele que toca e canta) no terreiro. Enquanto ele ficava nos tambores, o amigo, filho de Ogum, era responsável pelo ritmo nos atabaques.

Por volta de 1928, o escritor Mario de Andrade visitou a casa da Tia Ciata em suas buscas por informações para escrever o romance *Macunaíma*, e assim descreveu o lugar: “A macumba se rezava lá no Mangue no zangu da Tia Ciata, feiteira como não tinha outra, mãe-de-santo famanda e cantadeira de violão”.

Foi nesse ambiente de festa, muitos talentos e ritmos que Heitor dos Prazeres se formou e ajudou a dar início ao samba carioca.



o personagem das escolas de samba

Heitor esteve na invenção do samba como gênero musical e, na sequência, foi um dos criadores dos espaços onde o gênero se consolidou. Em 1928, junto com Nilton Bastos, Alcebíades Barcelos e Rubens Barcelos, fundou a União do Estácio. Participou da fundação da Portela, para quem fez a bandeira da Quem me faz é o Capricho (origem da escola) e da Estação Primeira de Mangueira. Fundou o Grêmio Recreativo Escola de Samba De Mim Ninguém Lembra, no bairro de Bento Ribeiro, e apoiou a criação da Unidos da Tijuca, em 1931.

Na primeira disputa de samba das escolas, organizada por Zé Espinguela, apelido do pai de santo e compositor José Gomes da Costa, em 20 de janeiro de 1929, dia dedicado a Oxóssi, Heitor venceu representando o Conjunto de Oswaldo Cruz, que depois seria a Portela. Pela Mangueira concorreram Cartola e Artuzinho e pela Estácio se cogita que tenha sido Ismael Silva.

Sambista de todos os lugares, mais tarde Heitor explicou: “Eu já não era do Estácio, nem da Praça Onze, eu já era independente. Heitor pra cá, Heitor pra lá. Eu virei Mano Heitor,

andando pelo Estácio, pelo subúrbio, cantando os primeiros sambas”.

O Carnaval sempre foi uma época especial para Heitor. No período, ele utilizava seu talento de figurinista, criava o modelo, fantasiava-se de baiana e ganhava as ruas. Uma característica eram os coloridos panos da costa, que levava nos ombros. E não tinha exclusivismo, criava fantasias também para os amigos e para as crianças.



O companheiro inseparável da jornada fantasiada era o cavaquinho. E ele conta o que acontecia: “Quando olhava para trás tinha mais uma, mais duas, mais três, às vezes vinham 200 pessoas. Eu não podia me afastar para não dispersar e acabava marcando mais um encontro para o dia seguinte”.

A presença de Heitor dos Prazeres no Carnaval era tão marcante, que há uma lenda segundo a qual os estandartes das escolas de samba têm como origem os panos da costa desenhados pelo artista. Durante os festejos ele tiraria os grandes pedaços de tecidos dos ombros e, com a ajuda de foliões que segurariam nas pontas, fazia evoluções como se fossem bandeiras.



conservador ou visionário do samba?

Sempre chamado a opinar sobre o gênero musical e a festa que ajudou a inventar, Heitor dos Prazeres, em entrevista a *O Jornal*, em dezembro de 1961, mostrou sua insatisfação com os rumos das escolas de samba. Antecipou práticas que hoje são consideradas normais no mundo do samba, mas que ele rejeitava: “Estas estilizações fazem com que as escolas de samba percam

suas finalidades. O que pode acontecer é que elas deixem de existir. O que se vê é um teatro ambulante. Chegará um ponto em que cada um terá a pretensão de ser artista, não de sambista. Vão querer cachê para desfilar e serão organizados como num “show” contratados para o estrangeiro. Será a decadência. Agora não há mais passo de samba, há pulança e marcação. Samba que é bom não há”.



A família Prazeres

Heitor dos Prazeres era da rua e da família que construiu de forma peculiar em relações que até hoje podem ser consideradas “modernas”. Pai de sete filhos, com quatro diferentes mulheres. A primeira filha foi Laura, com Tia Carlinda, em 1927. Depois vieram Ivete, Iriete e Ionete, com Glória, sua primeira esposa. Mais tarde, Idrolete e Heitor, com Nativa, sua segunda esposa; e Dirce, com Rosa.

Tia Carlinda morava em Oswaldo Cruz. Foi mãe de Laura e musa inspiradora nos sambas “Mulher de malandro”, “Cassino maxixe” e “Gosto que me enrosco”. Foi uma relação anterior ao casamento com Glória.

A relação com Glória, com quem teve três filhas, durou de 1931 a 1936, quando ela morreu, vítima de tuberculose. As filhas, então, passaram a ser cuidadas em parceria com Dindinha Enedina, irmã de Glória, para a casa de quem se mudaram e que também tinha ficado viúva há pouco tempo.

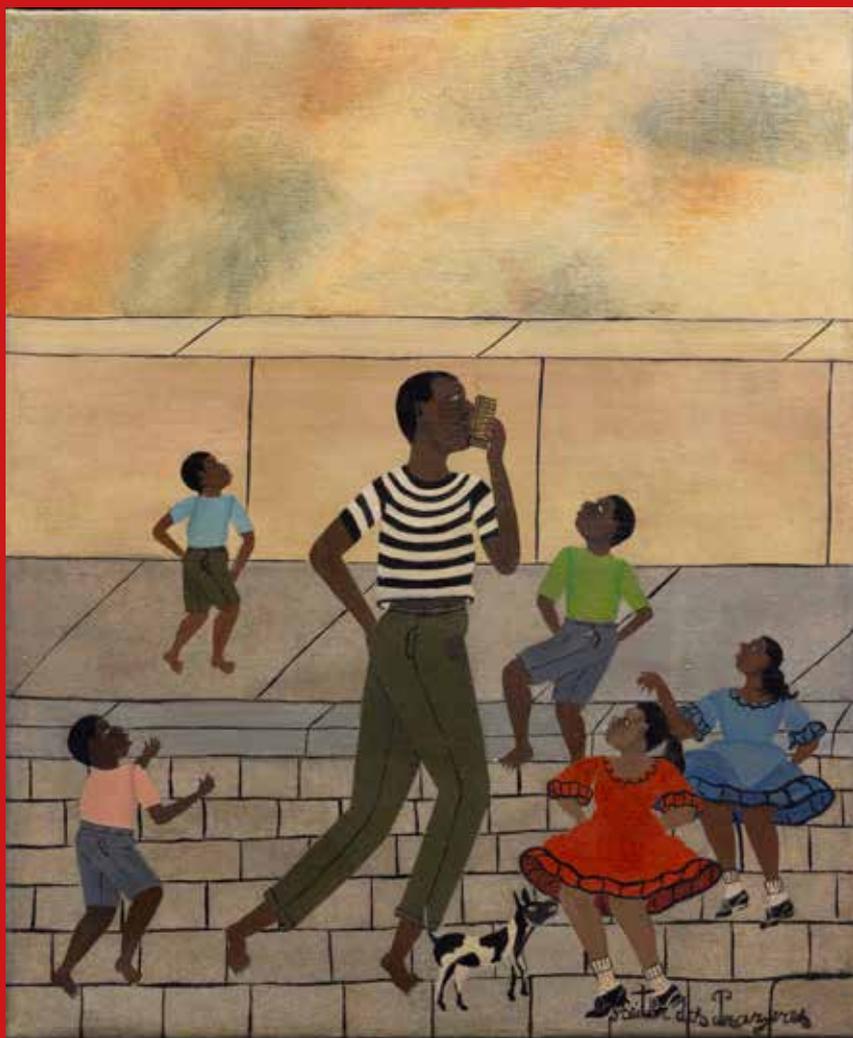
Depois de um período de luto e tristeza com a morte de Glória e o mergulho

na carreira, com uma viagem ao Uruguai para fazer shows, veio um novo casamento, em 1938. Dessa vez com Nativa, uma das pastoras de seu grupo e, então, com 17 anos de idade. Dessa relação nascem dois filhos. Idrolete, em 1940, e o ansiado filho homem, batizado com seu nome, Heitor, em 1942. Nesse momento, compõe o samba-choro “A coisa melhorou”, com a estrofe: “é mais um guerreiro, é mais um carioca, é mais um brasileiro”.

Nesse meio tempo entre os dois filhos com Nativa, Heitor tem mais uma filha, Dirce, de uma relação fora do casamento, filha de Rosa, uma jovem paulistana com quem deve ter se relacionado durante a realização do “Carnaval do Povo” em São Paulo, em 1941. Rosa inspirou a marcha-rancho “Linda Rosa”.

As duas filhas fora dos casamentos não têm o sobrenome Prazeres do pai, mas ambas foram apresentadas pelo artista à família oficial. Com Laura, mais velha, a relação foi mínima. Já Dirce se tornou próxima e até sua mãe, Rosa, ficou amiga de Nativa.

*Eu sou Heitor de Prazeres, Heitor dos Prazeres é meu nome.
Este prazer que eu tenho no nome é o prazer que eu divido com o povo.
Este povo com quem eu reparto este prazer.
Este povo que sofre, este povo que trabalha, este povo alegre que eu compartilho a
/alegria desse povo.
A alegria deste povo, o sofrimento deste povo é o que me obriga a trabalhar.
É o que me faz transportar para tela o sofrimento do povo.*



A relação com os filhos

Em meio à agitação de shows, viagens, ateliê, pinturas, boemia etc., Heitor sempre cultivou a relação com os filhos. Heitor dos Prazeres Filho, o Heitorzinho, lembra-se dele como um mestre:

“Sendo o pai, mestre, aquele que sempre procurava passar informações das coisas boas da vida às pessoas, principalmente àqueles mais próximos. Então, o mestre provocava os filhos, parentes, vizinhos e todos que se aproximavam, a testarem seus dons, numa aprendizagem tranquila, natural e saudável: cantando, dançando, tocando, desenhando e

pintando, ou mostrando habilidades artesanais, construindo papagaios, pipas, caifas, balões, patinetes, carrinhos, carretéis, bolas de meia, pernas de pau, tambores e bongôs feitos com talco da “Magnesita” (fábrica de talco do Seu Álvaro, que ficava em frente à Vila Alda, onde morávamos na rua da Regeneração, entre Ramos e Bonsucesso) idênticos aos de cimento, que serviam para ensacar o talco bruto.”

Em um Natal, no ano de 1950, a criançada conheceu um Papai Noel negro, magro e de barba branca. Heitor



tinha ganhado 25 mil cruzeiros numa loteria e resolveu fazer uma grande festa para toda a comunidade. Distribuiu bicicletas, carrinhos de bombeiros, casinhas, panelinhas, bonecas e bolas.

Festeiro, Heitor também organizava as festas juninas, que comemorava junto com o aniversário da mulher, Nativa, no dia de São João, em 24 de junho. Nessas

ocasiões, além das comidas e trajes típicos, levava os músicos amigos dos rádios Nacional e Mayrink Veiga, nas quais trabalhava, para animarem o ambiente. Fantasiava-se como o “reverendo seu Heitor” e fazia o casamento da festa, que se completava com o bolo de aniversário e terminava em muita música, inclusive um mambo composto por ele, que cantava e tocava cavaquinho.

*Bate no bongô nego
Bate no bongô nego
No ritmo do mambo sempre sem parar
Sacode as maracas que eu quero bailar
Bate no bongô
Aqui é da fundanga, fundanga pembá
Fundanga, fundanga eu vou cutungá*



Era com esse espírito agregador que Heitor dos Prazeres reunia a garotada, organizava piqueniques na Quinta da Boa Vista, passeios à Festa da Penha, às ilhas do Governador e de Paquetá, dava aulas de percussão, e tocava seu famoso cavaquinho para acompanhar os corais infantojuvenis que cantavam sambas na comunidade. E fazia mais: aqueles que se destacavam eram convidados a participar dos shows em rádios, circos e nas festas populares às quais Heitor levava seu grupo. Nativa, sua segunda mulher, e sua irmã, Natividade, instigavam a curiosidade dos jovens contando histórias sobre as viagens pelo Brasil e no exterior, filmagens, cassinos, circos, teatros e festas.

Heitor também contava histórias e incrementava as brincadeiras reproduzindo ambientes semelhantes aos das emissoras de rádio, que era o principal meio de comunicação na época. Ele ensinava as crianças a fazer “microfones” com cabos de vassoura e latas de leite em pó e premiava com moedas de cem réis aqueles que melhor soltassem a voz.

Para Heitorzinho, a maior premiação aconteceu no dia em que o pai apareceu com uma camisa pintada por ele com suas figuras de sambista e acompanhada de uma autorização do Juizado de Menores permitindo sua participação, sambando e cantando, em um filme.

Mas essa não era a primeira vez que um filho estaria com Heitor dos Prazeres em um palco. Antes, em 1937, ele levou a filha Ivete, então com cinco anos de idade, em excursão a Buenos Aires. Lá, além dos shows contratados nos elegantes cafés, realizava apresentações mambembes nas ruas. Parava nas esquinas e praças e tocava cavaquinho, enquanto a filha cantava e dançava. Os argentinos retribuíaam com moedas e notas colocadas na caixa do cavaquinho.



As perdas

Nem tudo foi festa nas relações familiares. Algumas perdas marcaram Heitor dos Prazeres. Além da morte prematura do pai, quando tinha apenas sete anos de idade, enfrentou as mortes da primeira mulher, Glória (mãe de três de suas filhas), e a da filha Iriete. As duas mortas pela tuberculose. A primeira em 1936, encerrando o casamento iniciado em 1931, e a segunda em 1952.

A morte de Glória o levou a se dedicar à pintura. Uma nova linguagem artística que, dizia, começou com o intuito de “enfeitar as paredes” de seu quarto e ilustrar as partituras de suas músicas.

A perda da filha, recém-formada professora, num dia de Natal, o inspirou a fazer a seguinte música:

*O meu Natal deste ano
Foi triste, foi desengano
Não dei castanhas, nem nozes
Nem teve vinho a granel
Dei a Jesus o mais sublime
Mais uma virgem pro céu*



surge o pintor

“Mas quem é e de onde vem esse pintor extraordinário?”, perguntou a então princesa Elizabeth, filha do rei George V e futura rainha do Reino Unido, ao ver a tela “Festa de São João”. O quadro havia sido enviado por Heitor dos Prazeres a Londres, para integrar uma mostra de arte latino-americana da RAF (Royal Air Force), em benefício das vítimas da Segunda Guerra. O ano era 1943 e a pintura foi comprada pela rainha, que ainda lhe enviou um diploma assinado.

O fato foi amplamente divulgado em todo o mundo e impulsionou a carreira recém-iniciada de pintor de Heitor dos Prazeres. No Brasil, por exemplo, num mesmo ano ganhou uma mostra individual no diretório acadêmico da Escola de Belas Artes de Belo Horizonte.

O surgimento do pintor ocorreu no momento da tristeza pela morte de Glória. Um companheiro de boemia e aluno de cavaquinho, o jornalista Carlos Cavalcante, foi quem identificou o talento de Heitor nos rabiscos que este fazia nos guardanapos dos bares. Outro apoiador foi o artista plástico e criador da Escolinha de Arte do Brasil (EAB), Augusto Rodrigues, incentivador do envio do quadro para a exposição da RAF.

Seu talento e os estímulos levam seus quadros para exposições pelo país e, também, a terem sucesso de venda. Uma das primeiras telas foi comprada pelo jornalista e escritor Henrique Pongetti por 100 mil réis. Heitor dos Prazeres se declara “um cara de sorte, com bons amigos ao redor”.

As primeiras telas, até por volta de 1940, retratam ambientes pouco frequentados por Heitor, como cenas de roça. No decorrer do tempo, os temas do seu cotidiano, como as festas populares, as mulheres, os sambistas, o candomblé, as jongadas, sempre com muitas cores e movimentos sensuais, ocuparam o espaço.



exposições

Nos anos seguintes, consolidou a carreira de pintor, sempre conciliada com a de músico, conseguindo equilibrar o sucesso nas duas pontas e ainda realizar diversas outras tarefas ao longo do tempo.

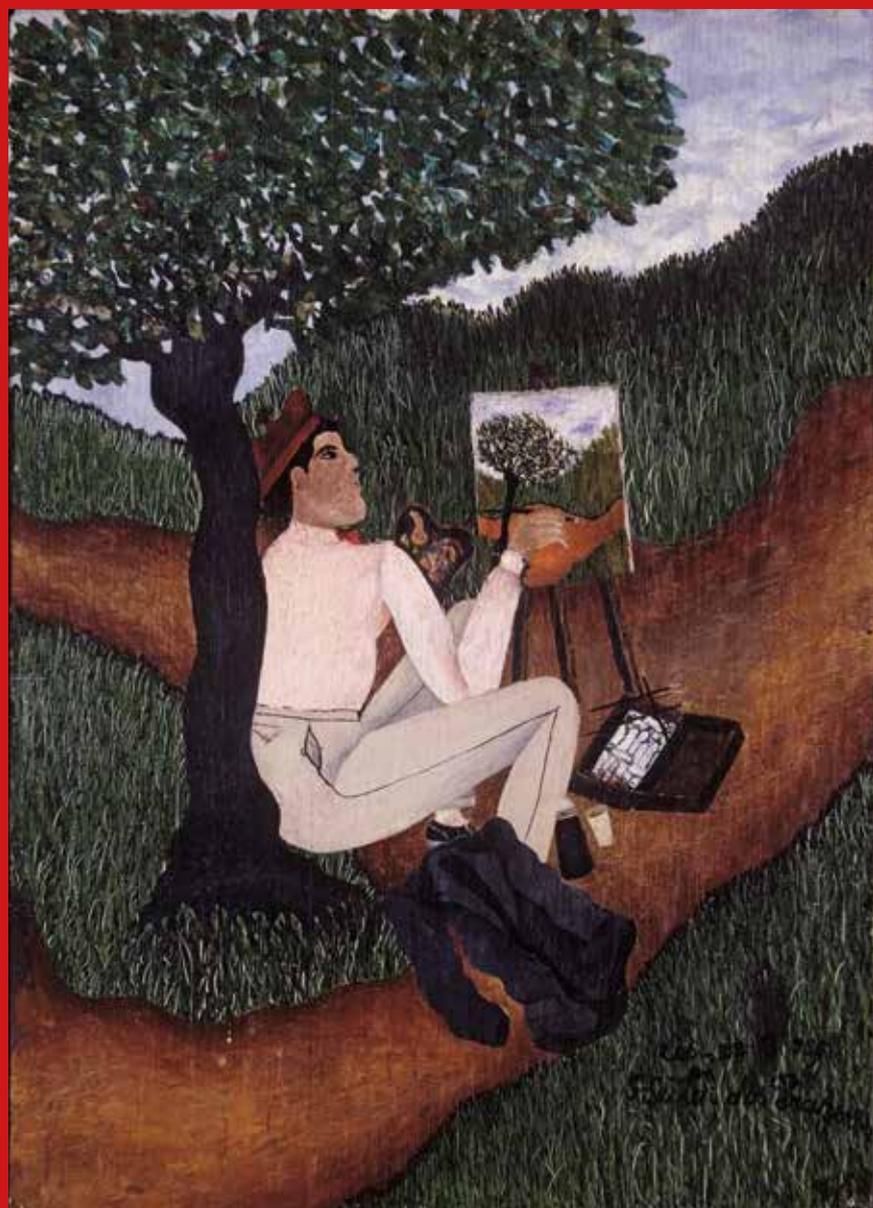
Em 1951 foi premiado na Bienal na categoria pintura nacional e recebeu 25 mil cruzeiros pelo Prêmio Aquisição da Bienal de São Paulo, com a apresentação do quadro “Moenda”, um óleo sobre tela inspirado no cotidiano dos plantadores de cana. Nessa disputa teve, entre outras, as companhias de Tarsila do Amaral, Ivan Serpa, Bruno Giorgi, Mário Cravo, Marcelo Grassmann e Geraldo de Barros. O prêmio foi entregue a Heitor pelo então presidente do Brasil, Getúlio Vargas. Além da premiação, recebeu uma promoção na rádio *Nacional*, de onde era empregado desde 1943. Um decreto que lhe proporcionou uma “readaptação funcional” na emissora.

A imprensa divulgou: “O processo de readaptação, regulado pelo decreto nº 29.462, será assim, pela primeira vez

convocado como estímulo de ordem intelectual, capaz de beneficiar um servidor humilde do Estado que se tornou, sem nenhuma dúvida, um dos valores representativos da moderna pintura brasileira”.

Vargas ainda prometeu custear os estudos de arte de Heitor dos Prazeres, que agradeceu e abriu mão, pois preferiu seguir com sua condição de autodidata. Assim ele explicava a origem de sua inspiração: “Esses bailes, essas macumbas, essas favelas existem tanto como eu existo: eu as pinto porque estão dentro de mim”.

Na Bienal paulista seguinte, em 1953, Heitor foi homenageado com uma sala especial. Na comemoração dos 400 anos de São Paulo, em 1954, foi convidado para fazer os cenários e figurinos do espetáculo do Balé do IV Centenário. Em 1957, participou de uma mostra de Arte Moderna do Brasil que percorreu várias cidades da América do Sul, além de receber uma medalha de Honra ao Mérito em um programa da rádio *Nacional* dedicado às artes plásticas.



Em 1959, fez sua primeira exposição individual na galeria Gea, no Rio de Janeiro e, em 1961, voltou a participar da Bienal de São Paulo. Dessa vez apresentou a tela “Três artes”, onde representa seus talentos para música, poesia e pintura. No mesmo ano, teve outras duas individuais em São Paulo, na galeria Sistina e na SeleArt.

O carioca da Praça Onze tinha conquistado São Paulo e a imprensa paulista registrou como ele subverteu a rigidez: “Com sua alegria, o crioulo mudou o clima austero e frio que reina nas exposições de arte. Promete música, pratos típicos e muita batida para todos que forem apreciar suas telas”.

Ainda em dezembro de 1961, a revista *Time* americana registrou: “Homem modesto, caladão, sem propagandas, Heitor dos Prazeres é, como vemos, nome que vem merecendo respeito e carinho. É a vitória que tem obtido na música e na pintura deve-se, unicamente, a seu próprio valor”.

Em 1965, foi a vez de ir a Paris, onde participou da exposição *Oito pintores ingênuos brasileiros*. Já no ano seguinte, os russos tiveram a chance de conhecer Heitor dos Prazeres, na exposição *Pintores primitivos brasileiros*, em Moscou. No mesmo ano de 1966, suas obras (pintura e música) chegaram a Dakar, no Senegal, onde foi um dos artistas brasileiros que

participou do primeiro festival de arte negra. Lá foi recebido pelo presidente do país, Leopold Senghor.

Atualmente, há telas de Heitor dos Prazeres no Museu de Arte Moderna do Rio (MAM), na Pinacoteca do Estado de São Paulo (SP), no Museu de Arte do Rio (RJ), no Museu Castro Maya (RJ) e no Museu de Arte de São Paulo. Seu nome consta também no boletim de divulgação do MoMA (Museu da Arte Moderna de Nova York), junto com Portinari, Van Gogh, Picasso, Renoir, Matisse, entre outros.

Mesmo com todo o reconhecimento que obteve ainda em vida com a pintura, afirmava que sua paixão era mesmo pela música e que pintar era uma maneira de sobreviver.

Talvez, por isso, tenha consentido na produção de quadros sob encomenda com a utilização de figuras decalcadas. Um processo em que concebia as pinturas, com seus personagens, paisagens, motivos, cores e para o qual contava com uma equipe de assistentes que atuava sob sua supervisão na execução. O crítico de arte e redator chefe da revista *Cadernos Brasileiros* explicou: “Como artista, ele criava, inventava cenas, figuras e composição. Uma vez aprovado, tanto por seu espírito poético como pela reação do público, passava a repeti-los conforme os pedidos da freguesia”. Em uma de suas autodefinições, Heitor afirmou:

*Eu sou carioca
boêmio e sambista,
meu sangue é de artista
não posso negar*

*Vivo alegre, sou contra a tristeza
e levo a vida a cantar.
Eu durmo cantando e canto dormindo
e sempre sorrindo,
meu coração diz:
quem é boêmio e não tem guarida,
no palco da vida é sempre feliz*

*Mora comigo a felicidade,
num quarto azulado
enfeitado de flores.
Meu leito é forrado de tranquilidade
e tenho a meu lado
sempre dois amores*



os parceiros

“Somos todos da mesma fornada”, dizia Heitor dos Prazeres para se referir aos pioneiros do samba, como Pixinguinha, Donga, Sinhô, João da Baiana e Caninha, entre outros. E, ao longo do tempo, a lista de companheiros de boemia, de música e de composições foi extensa. Entraram nomes como Noel Rosa, Cartola, Paulo da Portela, Herivelton Martins, Nelson Gonçalves. Assim como o dos cantores que emprestaram vozes às suas composições. Entre eles

estiveram nomes como Francisco Alves, Aracy de Almeida, Carmem Costa, Orlando Silva, Blecaute, Marília Batista, Sílvio Caldas, Aurora Miranda, Carlos Galhardo, Dalva de Oliveira, Moreira da Silva, Mário Reis.

Na extensa lista de amigos figuram escritores com Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado e Rubem Braga, a atriz Tônia Carrero, o pintor Caribé e dona Neuma, da Mangueira.



capoeirista bom de versos

Capoeirista, Heitor dos Prazeres não fugia da raia e podia usar as habilidades para ajudar os amigos. Numa dessas ocasiões, Noel Rosa pediu seu auxílio para enfrentar um marinheiro grande e forte que estaria tentando roubar sua namorada. Heitor acompanhou o amigo até o bar onde estava o marinheiro. Este logo foi informado da fama do pintor e compositor, foi até ele e pediu desculpas. Dessa forma, o namoro de Noel foi salvo. E, nesse mesmo dia, um grande sucesso da música brasileira nasceu.

Heitor cantou para Noel a marcha “Pierrot apaixonado”, que estava compondo. O poeta da Vila sugeriu alteração numa das estrofes e os parceiros ajustaram a letra e a música, que desde aquele Carnaval de 1936 não saiu mais do repertório da festa brasileira.

Na cota dos entreveros de Heitor, podem entrar também as brigas com Sinhô pelo reconhecimento de autoria de sambas. Heitor, em 1925, acusou um plágio do antigo parceiro no samba “Dor de cabeça”, mas depois renunciou à disputa. Na sequência, Sinhô teria se apropriado de outras duas composições: “Ora



vejam só”, de 1927 e “Cassino maxixe” (conhecida como “Gosto que me enrosco”), em 1929. Esse último samba, Heitor diz que fez inspirado em Carlinda, mas Sinhô

apresentou na Festa da Penha como exclusivamente seu. A briga entre eles rendeu dois sambas feitos por Heitor. Numa estrofe de ‘Olha ele... cuidado’, o primeiro, ele diz:

*Vive de tratantagens
Com todo os seus amigos
De tanto truque que tem
Chega a andar pensativo*

Sinhô respondeu com um samba batizado como “Segura um pouco”, mas Heitor não se conteve e compôs

o segundo, chamado “Rei dos meus sambas”, no qual, na letra original, que não conseguiu gravar, dizia:

*(...) Sendo rei dos meus sambas
Que malandro inteligente assim é que se vê
A tua fama Sinhô
Desta maneira é rei
Eu também sou (...)*

Dessa polêmica ficou ainda a icônica frase dita por Sinhô a Heitor: “De fato, eu apanhei por aí, no ar. Mas você sabe como é esse negócio, Heitor. Samba é como passarinho. É de quem pegar”.

Sinhô morreu no ano seguinte, em 1930, vítima de tuberculose.

A amizade entre os dois ficara estremecida. Heitor narrou o último contato: “Ele ficou doente, muito fraco, eu o vi muito decaído, tossindo e senti que ele queria dar boa tarde, e eu dei. Depois, ele teve aquela síncope na barca e morreu. Aí acabou a nossa história”.

figurinista e cenógrafo

Em 1962, a lista que apontou os dez mais elegantes da cidade do Rio de Janeiro, organizada pelos jornalistas Jacinto de Thormes e Ibrahim Sued para a revista *O Cruzeiro*, trazia o músico e pintor Heitor dos Prazeres. Foi o reconhecimento ao seu estilo e à capacidade de criação, pois ele próprio confeccionava os trajes que usava nas festas da alta sociedade. Usando seu talento para a moda, moldava e costurava suas vestimentas, incluindo seus muitos ternos brancos que passava a ferro, além dos sapatos da moda que engraxava.

Em seu ateliê General Pedra, na Saúde, além dos quadros, criava os trajes dos componentes dos seus grupos musicais, assim como fantasias de Carnaval e roupas para festas que organizava. Seu talento com cenografia o levou aos palcos, como no Balé do IV Centenário de São Paulo.

Foi ainda, nos anos 1960, um dos pioneiros no mundo da moda no Brasil, com a criação de estampas para o desfile organizado pela Rhodia, uma das gigantes do setor têxtil do país.



cerca de trezentas músicas compostas

Ao longo do tempo, Heitor do Prazeres foi um criador compulsivo. Trabalhou em diferentes emissoras, como as rádios *Nacional*, *Mayrink Veiga*, *Educadora* e *Philips*. Fez parte ainda do elenco do Cassino da Urca; foi pintor, compositor, ilustrador, carpinteiro, poeta, orador, coreógrafo e, acima de tudo, um defensor da cultura afro-brasileira.

Em 1964, os militares que implantaram a ditadura no Brasil demitiram-no da rádio *Nacional*, onde Heitor trabalhava desde 1943, junto com mais de trezentas outras pessoas, incluindo nomes como Mário Lago, Herivelton Martins, João Saldanha e Oduvaldo Vianna.

Compôs cerca de trezentas obras, de pontos de macumba a sambas, sambas-



canções, marchas, valsas, rancheiras, baiões, rumbas e mambos. Destas, 219 estão formalmente editadas. As primeiras composições são da década de 1910, época dos encontros na casa de Tia Ciata.

Uma das músicas de grande repercussão social foi a “Canção do jornaleiro”, feita para valorizar os

meninos que vendiam jornais nas ruas, como ele já havia feito na infância. A música desencadeou uma série de medidas para melhoria das condições de trabalho dos jovens. Sensibilizou, inclusive, a primeira-dama Darcy Vargas, que criou a Casa do Pequeno Jornaleiro, com oferta de comida, roupas e assistência médica.

*Olha a noite,
Olha a noite,
Eu sou um pobre jornaleiro,
Que não tenho paradeiro*

*Ai, de quem vive assim,
Vivo a cercar toda gente,
às vezes triste e doente
Ninguém tem pena de mim!*

*Quando o sol vai se escondendo
Também lá vou eu descendo
Correndo pra redação*

*De lá venho carregado
Com as folhas ao meu lado
Cumprir minha missão*

*Eu vivo sempre a sofrer,
Óh, que destino o meu,
Eu vivo sempre jogado,
e pobre e mal arrumado
Óh que sorte Deus me deu*

*Olha a noite,
Olha a noite,
Olha a noite,
Olha a noite.*

HOMENAGEM DO SOM DE “PIERRÔ APAIXONADO”

Heitor dos Prazeres morreu em 4 de outubro de 1966, aos 68 anos de idade, em decorrência de um câncer no pâncreas. O amigo e poeta Carlos Drummond de Andrade o homenageou com o poema “A Heitor dos Prazeres artista”:

*Querido Heitor dos Prazeres.
Que estás na esfera celeste:
é hora de agradecer-te
os prazeres que nos deste.*

*Por tua pintura e música
passa um fluido de poesia.
Poesia das coisas simples.
Unidas em melodia.*

*O pierrô apaixonado
e a sambista da Mangueira.
Saudosos, aqui ao lado.
Celebram-te a noite inteira.*

*Noites de festa no rio.
Noite de danças e cores
Em que teus pincéis e notas
embalam nossos amores.*

*Querido Heitor dos Prazeres
As injustiças sofridas hoje se apagam.
Reluz a tua arte em nossas vidas.*

Uma multidão acompanhou seu enterro no cemitério do Caju, na Zona Norte do Rio, ao som de suas músicas, principalmente “Pierrô apaixonado”.

Lista de obras

Capa: Heitor dos Prazeres. *Sem título*, 1960. Óleo sobre eucatex, 85,5 x 60,5 cm. Coleção Galatea, São Paulo.

2ª capa: Heitor dos Prazeres. *Feira* (detalhe), 1965. Óleo sobre tela, 39,5 x 49 x 4cm. Coleção Galatea, São Paulo.

Página 1: Heitor dos Prazeres. *O tintureiro* (detalhe), s/d. Óleo sobre tela, 75 x 68 cm. Coleção particular, Rio de Janeiro.

Página 2 e 3: Heitor dos Prazeres. *Morro da Mangueira*, 1965. Óleo sobre tela, 100 x 120 cm. Coleção Casa Roberto Marinho, Rio de Janeiro.

Página 3: Augusto Malta. *Praça 11 de Junho - Rio de Janeiro* (detalhe), 19?. Gelatina e prata. Acervo Fundação Biblioteca Nacional.

Página 4 e 5: Heitor dos Prazeres. *Sem título*, 1946. Óleo sobre tela, 39,5 x 49 x 4cm. Coleção particular, São Paulo.

Página 5: Heitor dos Prazeres. *A musa e o poeta* (detalhe), s/d. Coleção família Heitor dos Prazeres.

Página 6: Heitor dos Prazeres. *Sem título*, 1959. Óleo sobre tela, 50,4 x 60,8 cm. coleção particular, São Paulo.

Página 7: Heitor dos Prazeres. *Pai Benedito* (detalhe), s/d. Óleo sobre tela, 36 x 44 cm. Coleção particular, Rio de Janeiro.

Página 8: Heitor dos Prazeres. *A Mulher Abstrata* (detalhe), 1961. Óleo sobre tela, 74 x 82 cm. coleção Léo Pedrosa, Rio de Janeiro.

Página 9: Heitor dos Prazeres. *Arlequim*, s/d. Óleo sobre tela, 55 x 46 cm. coleção Marta e Paulo Kuczynski.

Página 10: Heitor dos Prazeres. *Músicos*, s/d. óleo tela, 38 x 46 cm. Coleção particular, Rio de Janeiro.

Página 12: Heitor dos Prazeres. *Gaitista*, s/d. Óleo sobre tela, 46 x 38,3 cm. Coleção particular, São Paulo.

Página 13: Kurt Glagsbrunn. *Heitor dos Prazeres*, s/d. Coleção Kurt Glagsbrunn.

Página 14: Heitor dos Prazeres. *Sem título*, 17/3/1955. Coleção particular, São Paulo.

Página 15: Heitor dos Prazeres. *Estudo fantasia infantil*, s/d. Coleção família Heitor dos Prazeres.

Página 16: Heitor dos Prazeres. *O beijo*, década de 1950. Óleo sobre madeira, 32 x 41 cm. Coleção particular, Rio de Janeiro.

Página 17: Kurt Glagsbrunn. *Heitor dos Prazeres*, s/d. Coleção Kurt Glagsbrunn.

Página 19: Heitor dos Prazeres. *Auto Retrato*, 1956. Óleo sobre madeira, 40,8 x 29,5 cm. Coleção Gilberto Chateaubriand MAM Rio, Rio de Janeiro.

Página 21: Heitor dos Prazeres. *Sem Título* (Praça XV, Rio de Janeiro), 1965. Coleção Museu Castro Maya, Rio de Janeiro.

Página 22: Heitor dos Prazeres. *Figura e carro de bois na plantação de cana*, déc. 1950/1960. Óleo sobre tela, 50 x 61,5 cm. Coleção particular, São Paulo.

Página 23: Heitor dos Prazeres. *Sem título* (detalhe), 1960. Óleo sobre eucatex, 85,5 x 60,5 cm. Coleção Galatea, São Paulo.

Página 25: Heitor dos Prazeres. *Trajes utilizados no espetáculo "O Guarda-Chuva" apresentado pelo Ballet IV Centenário*, 1953. Figurinos. Acervo Theatro Municipal de São Paulo.

Página 26: Heitor dos Prazeres. *Sem título*, 1959. Óleo sobre papel, 57 x 58 cm. Coleção particular, Rio de Janeiro.

bibliografia

LIRIO, Alba; PRAZERES FILHO, Heitor dos. *Heitor dos Prazeres - sua arte e seu tempo*. Rio de Janeiro: ND Comunicação, 2004.

SILVA, Sirlene Ribeiro Alves da. *Heitor dos Prazeres - arte, luta e resistência negra*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/42534>. Acesso jun 2023.

ALBIN, Ricardo Cravo. *Dicionário de Música Popular Brasileira*. Rio de Janeiro: Instituto Cultural Cravo Albin. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/heitor-dos-prazer/es/>. Acesso 11 jul. 2023.

CCBB RJ
Rua Primeiro de Março, 66
Centro, Rio de Janeiro - RJ

Informações

(21) 3808 2020
ccbbrjo@bb.com.br

Horário de funcionamento

Quarta a segunda: 9h às 20h
Terça: Fechado

Entrada gratuita

Agendamento de grupos

agendamento.rj@programaccbbeducativo.com.br

 /ccbb.rj

 @ccbb_rj

 @ccbbrij

Central de Atendimento BB

4004-0001 ou 0800-729-0001

SAC

0800-729-0722

Deficiente Auditivo ou de Fala

0800-729-0088

www.bb.com.br/cultura

HEITOR DOS PRAZERES É MEU NOME

De 28/06 a 18/09 /2023

Curadores

Raquel Barreto
Haroldo Costa
Pablo Leon de la Barra

Idealização e realização

MT Projetos de Arte

Caderno CCBB Educativo

Redação

Ivan Accioly

Edição

Alexandre Diniz
Daniela Chindler

Revisão

Sol Mendonça

Design

E Thal



LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



Produção

MT
Projetos de Arte

Educativo

SAPOTI



Realização

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL



UNIÃO E RECONSTRUÇÃO